

O retrato do autor pela crítica: Bernardo Carvalho

MARCOS TORRES

PIBIC/CNPQ

Orientadora: Dra. Luciene Almeida de Azevedo

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo analisar o olhar da crítica literária sobre a obra de Bernardo Carvalho e mais especificamente sobre a construção de seu nome de autor no panorama da literatura contemporânea brasileira. Gostaríamos de compreender melhor como se configura a construção de Bernardo Carvalho através do olhar da crítica literária para refletir sobre como se dá a recepção de sua obra na cena literária contemporânea. Para tanto, selecionamos um ensaio sobre as obras de Carvalho escrito pela professora titular de Teoria Literária da UNICAMP, Yara Frateschi Vieira (2004), intitulado “A refração e iluminação de Bernardo Carvalho”. Nossa conclusão é que embora estejamos conscientes da necessidade de desvincular o autor do narrador da história, ainda é possível subliminarmente encontrar procedimentos de leitura que traem tal conhecimento, entendendo o autor como se este fosse a resposta para o resultado da obra.

Palavras-chave: Crítica literária. Autoria. Bernardo Carvalho

Abstract: The present work aims to analyze the gaze of literary criticism on the work of Bernardo Carvalho, and more specifically about building your author name in the panorama of contemporary Brazilian literature. We would like to better understand how to configure the building of Bernardo Carvalho from the standpoint of literary criticism to reflect on how is the reception of his work on the literary scene today. To this end, we selected an essay on the works of Carvalho written by professor of Literary Theory, UNICAMP, Yara Frateschi Vieira, entitled the refraction and lighting Bernardo Carvalho. Our conclusion is that although we are aware of the need to untie the author of the story’s narrator, you can still find subliminally reading procedures that betray such knowledge, understanding the author as if it were the answer to the result of the work.

Keywords: Literary criticism; author; Bernardo Carvalho

“[...] os signos de localização nunca reenviam exatamente para o escritor, nem para o momento em que ele escreve, nem para o gesto da sua escrita; mas para um ‘alter-ego’ cuja distância relativamente ao escritor pode ser maior ou menor e variar ao longo da própria obra. Seria tão falso procurar o autor no escritor real como no locutor fictício, a função autor efetua-se na própria cisão – nessa divisão e nessa distância.” Michel Foucault

Este texto integra uma proposta mais ampla do trabalho de Iniciação Científica que desenvolvo atualmente e está atrelada ao projeto de pesquisa de minha orientadora, professora Dra. Luciene Azevedo, que diz respeito a uma investigação sobre o conceito de autoria na contemporaneidade, mais especificamente sobre o modo como a figura de autor se inscreve na contemporaneidade, bem como se configura a construção de uma carreira de autor. O propósito da investigação não é dissecar a vida real do autor, voltando ao velho biografismo, mas investigar o surgimento de um nome de autor à medida que esse sujeito se lança no mercado literário para analisar o percurso de sua escrita, de sua obra, privilegiando o modo como o autor inscreve-se nos circuitos literários do contemporâneo, acompanhando a biografia de sua obra. Pois, diante da cena literária atual, acreditamos que é possível repensar a volta do autor a partir de um contexto histórico diferenciado, considerando os circuitos de circulação da obra literária.

Na imensa seara contemporânea, o recorte escolhido se propõe a refletir sobre a figura do escritor Bernardo Carvalho, a partir da visão da crítica sobre sua obra.

Este artigo é um recorte de um trabalho mais amplo, sobre a investigação de algumas estratégias para a construção de uma carreira autoral na contemporaneidade, ou seja, como se constrói e o que é um autor de literatura contemporaneamente. No primeiro momento desta investigação depois de ter observado, pela leitura de algumas resenhas de Bernardo Carvalho contidas no Livro *O mundo fora dos eixos*, alguns pontos de vista do autor sobre a literatura, passamos à análise do texto crítico “A refração e iluminação de Bernardo Carvalho”, da crítica literária e professora titular aposentada de Teoria Literária da UNICAMP, Yara Frateschi Vieira, a fim de perceber como se configura a construção de Bernardo Carvalho através do olhar da crítica literária para refletir sobre como se dão as relações entre a crítica e a construção de uma carreira de autor.

* * *

“Um escritor com uma promessa de escrita literária de grosso calibre” (VIEIRA, 2004, p. 206).

Logo no início do texto “Refração e Iluminação em Bernardo Carvalho”, Yara Frateschi Vieira define um breve perfil da produção ficcional de Bernardo Carvalho, identificando na leitura das obras certa contestação do lugar da ficção, a problematização da identidade, a busca de sentido para um mundo fora dos eixos, a elaboração de uma intriga folhetinesca que quer capturar a atenção do leitor.

Para Frateschi, é fácil identificar a escrita característica dos livros de Carvalho. A partir da amostra de pequenos fragmentos é possível perceber o estilo enxuto, a preferência por frases curtas e econômicas em adjetivos e advérbios.

Esta é uma primeira visão dada pela crítica sobre a narrativa de Bernardo Carvalho, que vai desaguar mais adiante em outras preocupações, como as relações entre a verdade e a mentira, a busca pela compreensão de um sentido alusivo nos fatos confi-

gurando uma narrativa, segundo Frateschi Vieira, “dispersa e refratada através dos filtros múltiplos” (2004, p. 196).

Se é fácil encontrar a mesma visão sobre a obra de Bernardo Carvalho em outros críticos que se debruçam sobre seus textos ficcionais, Frateschi aposta em dizer algo que nunca aparece enunciado sobre as narrativas do autor, algo que nunca parece ser o alvo do comentário crítico: a tematização da homossexualidade. Segundo Frateschi, essa leitura não está disponível tão facilmente a um primeiro olhar.

Daí a aposta no jogo, do autor e da própria elaboração crítica, entre a refração e a iluminação: “a homossexualidade refratada”.

A sofisticada argumentação crítica, a fim de provar a pertinência da observação, analisa criteriosamente dois romances, *Nove Noites e Mongólia*, realçando a imbricação entre realidade e ficção, alimentada pelas publicações. O embaralhamento dessas fronteiras parece estar na ordem do dia. Frateschi observa que no cinema, por exemplo, é possível perceber como “o documentário invade o campo do ficcional” o que, segundo a autora, se deve à busca crescente de uma “verdade factual” ou de uma informação fidedigna (2004, p. 196). Mas se os narradores de Bernardo Carvalho parecem alimentar a fome de real dos leitores, no mesmo movimento, negam essa possibilidade: iluminação e refração.

Os livros de Carvalho, segundo Frateschi, alimentariam esse desejo do público por meio da utilização de outros discursos “supostamente comprometidos com o real: a reportagem jornalística, a investigação acadêmica, a psicanálise, o diário de viagem, o relato confessional autobiográfico, a descrição do guia turístico” (2004, p. 196). Mas simulando satisfazer a vontade de verdade do público, Carvalho desqualifica esses discursos, nega-lhes o rótulo de produtores de verdade e faz o elogio da ficção, acentuando-o explicitamente pela voz do narrador ou pela justaposição de vozes conflitantes:

ao reproduzir no texto ficcional esses discursos [...], cria uma espécie de armadilha para um público medianamente letrado, que procura cada vez mais se informar por meio de revistas de opinião, turismo ecológico e cultural, reportagens diretas, buscas na internet. O resultado é que o leitor sai de um livro desses com a sensação de ter lido algo ‘inteligente’, ‘lúcido’ e ‘moderno’ (ou ‘pós’), mas também com a incômoda sensação de ter perdido algo, que a escrita elusiva e o acúmulo de informação e de intriga novelesca deformaram ou ocultaram. (VIEIRA, 2004, p. 196)

Essa estratégia é a grande impulsionadora do desdobramento argumentativo crítico. Pois se é verdade que tal drible é característico da ficção de Carvalho, Frateschi parece sugerir, de maneira enviesada, como se revelasse uma verdade oculta, a possibilidade de uma leitura mais concreta, mais factual, concentrando-se na temática da homossexualidade. Esse mote se amplia cada vez mais a ponto de Frateschi apostar que nas narrativas de Bernardo Carvalho há algo camuflado e oculto, passando despercebido a uma leitura descompromissada.

O tom da análise avança numa direção que parece apelar a uma tentativa de colar o texto à vida privada do autor Bernardo Carvalho, pessoa física.

É bem verdade que as circunstâncias de publicação de ambos os romances per-

mitem essa aproximação. Em *Nove Noites* há uma foto de Bernardo Carvalho na orelha do livro quando este ainda era uma criança e alguns dados biográficos inseridos na narrativa como, por exemplo, a visita às fazendas do pai no Xingu. *Mongólia* foi escrito depois de uma permanência de dois meses do autor na região, com bolsa de criação literária da Fundação Oriente, de Lisboa (2004, p. 202).

Mas a autora parece levar a sério demais a imbricação entre realidade e ficção, buscando na obra explicações que pudessem responder a anseios privados de Bernardo Carvalho, numa tentativa de relacionar estreitamente obra e autor, lendo os impasses e as dúvidas do narrador como espelho da pessoa física Bernardo Carvalho, confundindo muitas vezes a nomenclatura: autor ou narrador?

o narrador faz questão de repetir que nunca foi interrogado quanto à razão do seu interesse por Buell Quain. Mas no decorrer do discurso o leitor acaba por conhecê-la: está ligada às circunstâncias que rodearam a morte do pai, ao fato de o fotógrafo americano o ter tomado pelo outro, naquela ocasião (ah, os equívocos, os espelhos, as refrações...), a certas preferências de leitura compartilhadas e a coincidências nas vidas de ambos — na sua infância o narrador tivera contato íntimo com o Xingu, onde Quain viria a morrer (e de que o narrador, na sua *persona* histórica, nos oferece um testemunho fotográfico na orelha do livro) (p. 199).

Como podemos ver, a autora aproxima sem relativizar as figuras do autor e do narrador: “Ah, os equívocos, os espelhos, as refrações...” O comentário entre parênteses faz a transição para um deslizamento sutil e comprometedor: “o narrador tivera contato íntimo com o Xingu... o narrador, na sua *persona* histórica, nos oferece um testemunho fotográfico na orelha do livro”. Os elementos autobiográficos não aparecem relativizados ou a serviço da ficção, mas parecem funcionar como uma colagem da vida real.

Frateschi argumenta que o discurso de Bernardo Carvalho tem um duplo movimento das fronteiras das identidades, e “ao transformar sua investigação em demanda pessoal” (p. 200), o narrador margeia em sua narrativa comentários antropológicos de forma antirromântica, não como estudo antropológico, para referir-se, no caso dos índios, a grupos marginais com finalidade política ou humanitária, “mas por uma identificação pessoal complexa, de segundo e terceiro graus” (idem).

Mas quais seriam esses graus? Como poderemos identificá-los? Podemos supor que Frateschi estaria sugerindo uma identificação do narrador do romance com Buell Quain e, em seguida (em terceiro grau?), uma identificação do próprio autor Bernardo Carvalho com seu narrador e, por extensão, com a figura de Buell Quain (personagem ficcional e histórico)?

Se essa interpretação é possível, Frateschi sugere que os livros de Bernardo Carvalho seriam um reflexo do conflito da identidade do autor.

A difícil tematização da própria identidade é lida pela crítica não como tema de um mundo fora dos eixos, mas como obsessões de um sujeito particular, que se exprime na escrita de um “Eu” refratado (o autor?) que busca esconder-se por trás de seus narradores:

poderíamos ver nisso uma espécie de *signature* enviesada, de sobreposição autobiográfica? Nesse caso novamente nos encontramos numa casa de espelhos, engenhosamente dispostos para ocultar precisamente uma figura cuja importância central se encontra deslocada num reflexo lateral, quase imperceptível (VIEIRA, 2004, p. 206).

Desrespeitando o *dictum* moderno, Frateschi faz parecer que qualquer similitude entre autor e obra pode ser a chave para se encontrar a saída e o segredo de uma verdade ali revelada.

Frateschi argumenta que é possível ler as narrativas de Bernardo Carvalho como forma de “transformar sua investigação em demanda pessoal” (p. 200), por meio de uma “identificação pessoal complexa” (idem).

Assim, é sugerido que a homossexualidade de Bernardo Carvalho estaria camuflada, refratada, quase imperceptivelmente num gesto de escrita que engana em sua aparência iluminada. Essa tensão seria mantida através do jogo com a utilização de cartas (cf. *Nove Noites*), diários (cf. *Mongólia*), ou do percurso narrativo guiado pelo procedimento da investigação jornalístico-detetivesca, que torna mais intrincada ainda a ficção.

Frateschi parece ora querer contornar o simplismo de uma posição que lê o autor pela obra, ora parece decidida a apostar no que considera uma grande revelação crítica. Incapaz de desemaranhar o difícil enredo da construção híbrida, ficção e realidade, Frateschi afirma que o leitor (a própria crítica?) fica com uma sensação de estar diante de uma casa de espelhos, em que o ponto central é cego e em cujo interior há um narciso em frente a um espelho que não reflete nada (2004, p. 201).

A partir dessa conclusão, a análise de *Mongólia* apenas confirma a tentativa da crítica literária de querer sempre buscar uma explicação na vida do autor que justifique a narrativa. O fato de que o próprio Bernardo Carvalho tenha feito uma viagem à Mongólia, explicaria, em parte, a narrativa como válvula de escape para uma verdade não anunciada:

[...] o autor tinha de inventar (no sentido retórico do termo) uma história que servisse de fio ao seu relato sobre "um certo Oriente". Em vez de fazê-lo como reportagem jornalística, no seu próprio nome, preferiu ficcionalizá-lo numa forma narrativa em que já se tinha exercitado — e com sucesso — antes (2004, p. 203).

Frateschi argumenta que o livro agrada por buscar uma “combinação de lucidez ilustrada com uma narrativa novelesca”, envolvendo muitas peripécias e refrações, que compõem uma história folhetinesca que envolve o leitor (p. 204).

Fingindo adular o leitor, o texto esconde uma revelação, exigindo dele um faro detetivesco: “O texto dissemina insidiosamente algumas pistas que o leitor terá de colecionar se quiser entender qual a natureza do problema ou do ‘mistério’” (2004, p. 204). Frateschi mostra regozijo por iluminar uma faceta do autor nunca comentada pela crítica, apostando numa descoberta reveladora do enigma ou do “mistério” que só poderá ser conhecido por meio “de concentração, esforço e perseverança” (p. 205), leva-

dos a cabo com determinação pela argumentação de Frateschi que, à moda da velha crítica biográfica oitocentista, parece buscar a revelação de uma verdade única escondida no texto.

A aproximação entre a obra e a vida do autor vai reverberando ao longo da análise dos romances feita por Yara Frateschi:

Quando lemos nos agradecimentos do autor que um dos seus motoristas na Mongólia se chamava I. Batnasan (p. 187) lembramo-nos de que o motorista do rapaz desaparecido, na primeira parte da sua viagem, tinha esse mesmo nome (p. 205-206).

Embora esse procedimento, isto é, o embaralhamento entre a ficção e o real, seja um recurso propositadamente empregado pelo autor, quem parece ter caído muito ingenuamente nessa armadilha é a própria crítica. Pois considera tais rastros como evidências da biografia autoral mais do que artifícios narrativos que transformam a realidade, encarando de forma muito simplista (tal autor, qual texto), o hibridismo entre vida e obra. Apenas dessa maneira é possível compreender a cobrança por maior clareza na tematização da homossexualidade dissimulada nos romances: “É o seu olhar lúcido sobre o mundo, seus objetos e seres, que *talvez algum dia descubra o caminho direto para uma dicção ficcional do mesmo calibre.*” (p. 206).

O tom altivo parece respaldado pela sensação de descoberta do verdadeiro mistério cultivado (laboriosa e desnecessariamente, se consideramos o ponto de vista de Frateschi), que parece atribuir à crítica literária a última palavra, que concede aos críticos uma lente especial de longo alcance para desrecalcar a verdadeira interpretação dos textos.

O que a crítica de Yara Frateschi torna evidente é que, embora estejamos conscientes da necessidade de desvincular o autor do narrador da história, ainda é possível subliminarmente encontrar procedimentos de leitura que traem tal conhecimento, entendendo o autor como se este fosse a resposta para o resultado da obra. E o processo de hibridização entre a ficção e a realidade torna ainda mais complexo o trabalho crítico. Nesse sentido, poderíamos recuperar o modo como Michel Foucault caracteriza o procedimento crítico associando-o ao modelo da tradição cristã em relação aos textos disponíveis, que tinha como objetivo reencontrar o autor na obra, tal como analisado em seu célebre texto, *O que é um autor?*

O que a análise do texto de Frateschi parece realçar é uma certa incapacidade de a crítica lidar com a diluição das fronteiras entre o real (a biografia do autor) e o ficcional (a reelaboração dos dados biográficos), retrocedendo a métodos marcantes da prática oitocentista, como já apontava o filósofo francês:

O autor é aquilo que permite explicar tanto a presença de certos acontecimentos numa obra como as suas transformações, as suas deformações, as suas modificações diversas (e isto através da biografia do autor, da delimitação da sua perspectiva individual, da análise da sua origem social ou da sua posição de classe, da revelação do seu projeto fundamental) (Foucault, 1969, p. 53).

Se é verdade que a análise de Frateschi nada tem de simplista, a sofisticação e o refinamento do argumento também indicam uma vontade de extrair do texto a revelação oculta: o tema subliminar da homossexualidade a possibilidade da leitura biográfica, desconsiderando os “equivocos, espelhos e refrações”.

Referências

CARVALHO, Bernardo. *Nove Noites*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. *Mongólia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

FOUCAULT, M. “O que é um autor?”, in: *O que é um autor?* Lisboa: Vega, 1992, p. 29-87.

VIEIRA, Yara Frateschi. “A refração e iluminação de Bernardo Carvalho”, *CEBRAP*, n. 70, 2004, p. 195-206.